

Regionalista e Democracia Racial: o personagem negro no livro Fogo Morto

Carla de Fátima Cordeiro

Esse artigo tem como objetivo analisar os personagens negros presentes no romance, *Fogo Morto* (1943), obra de José Lins do Rego (1901-1957). Os negros nesse romance, apesar de serem personagens menores e mostrados como símbolo do poder dos proprietários, desenhados de forma estereotipada, muito mostram, através das situações nas quais estão envolvidos, sobre a posição do negro – escravo ou recém liberto – na sociedade escravocrata e coronelista. Nossa proposta é a de analisar os personagens negros de *Fogo Morto* e confrontá-los com as teses de Gilberto Freyre (1900-1987) sobre as relações raciais no Brasil, lembrando que além de contemporâneo de José Lins do Rego, foi o seu grande mentor no projeto de uma literatura regionalista.

José Lins do Rego, jornalista, romancista, cronista e memorialista, nasceu no Engenho Corredor, no município de Pilar, Paraíba, em 3 de julho de 1901, e faleceu no Rio de Janeiro, em 12 de setembro de 1957. Era descendente de uma família de grandes proprietários rurais do Nordeste açucareiro e essa origem, segundo Candido e Castelo, é presença constante em suas obras na forma de nostalgia da infância e adolescência e de testemunho da tradição patriarcal, escravocrata e latifundiária:

Íntimo orgulho da tradição, embora nos últimos reflexos de sua grandeza, e a imaginativa popular que ao mesmo tempo rebate o sentimento e os impulsos da alma coletiva, são assim os componentes essenciais de sua obra.¹

O livro *Fogo Morto* (1943), obra do regionalismo nordestino da década de 30, é a última obra que compõe o chamado ciclo da cana-de-açúcar, ciclo do qual fazem parte ainda os livros *Menino de Engenho* (1932), *Doidinho* (1933), *Bangüê* (1934) e *Usina* (1936). Essas obras se passam na zona açucareira do nordeste, no momento em que a estrutura tradicional, ainda baseada nas tradições surgidas no século XVI, está se decompondo por causa da modernização capitalista e da sua nova expressão econômica, a usina.

Fogo Morto, considerada por muitos a grande obra de José Lins, é para Antonio Candido (1992) o romance onde o escritor se liberta da subjetividade, ou seja, sai da fixação autobiográfica para a observação. O autor, segundo alguns críticos, neste romance, fez um detalhado levantamento da vida social e psicológica dos engenhos da Paraíba, sendo assim, esse livro teria um grande valor documental, como afirma Alfredo Bosi:

A região canavieira da Paraíba e de Pernambuco em período de transição do engenho para a usina encontrou no 'ciclo da cana-de-açúcar' de José Lins do Rego a sua mais alta expressão literária. Descendente de senhores de engenho, o romancista soube fundir, numa linguagem de forte e poética oralidade, as recordações da infância e da adolescência com o registro intenso da vida nordestina colhida por dentro, através dos processos mentais dos homens e mulheres que representam a gama étnica e social da região [...] à força de carregar para o romance o fluxo da memória, José Lins do Rego aprofundou a tensão eu/realidade, apenas latente nas suas primeiras experiências. E o ponto alto da conquista foi essa obra-prima que é *Fogo Morto*, fecho e superação do ciclo da cana-de-açúcar.ⁱⁱ

O caráter nostálgico, memorialista e observador da obra de José Lins, uma descrição feita a partir de um homem branco da classe dominante decadente da época, nos dá um excelente instrumento para analisar relação brancos e negros na sociedade açucareira decadente.

José Lins do Rego era membro do chamando Grupo do Recife que tinha como um dos seus organizadores Gilberto Freyre. Esse grupo tinha como preocupação o aproveitamento das experiências pessoais do artista para esse reconhecer e revisar os valores e problemas sociais de sua região. Procuravam acentuar a diversidade regional para uma melhor compreensão da unidade nacional. Como membro do Grupo do Recife, José Lins foi extremamente influenciado por Gilberto Freyre e suas idéias sobre a formação social brasileira.

Freyre frisava em suas obras, notavelmente em *Casa Grande e Senzala* (2003), o caráter pacífico das relações entre negros e brancos no Brasil tanto no período da escravidão quanto após esta. Isso deve-se, segundo esse autor, ao patriarcalismo brasileiro que criou uma escravatura humanizada e às peculiaridades da história dos portugueses e seus descendentes tornaram a sociedade brasileira uma sociedade racialmente democrática. Quando o patriarcalismo acabou em 1988, os escravos ficaram desamparados

pois este os alimentou relativamente bem, os ajudou na velhice e deu aos filhos de escravo oportunidades de ascensão. Freyre lamenta o fim desse patriarcalismo:

O escravo foi substituído pelo pária de usina; a senzala pelo mucambo; o senhor de engenho pelo usineiro ou pelo capitalista ausente. Muitas casa grandes ficaram vazias, os capitalistas latifundiários rodando de automóvel pelas cidades, morando em chalés suíços e palacetes normandos, indo a Paris se divertir com francesas de aluguel.ⁱⁱⁱ

Segundo Octavio Ianni (1988)^{iv}, na interpretação de Gilberto Freyre, que era o porta-voz de uma ala da intelectualidade brasileira em evidência até mais ou menos a Segunda Guerra Mundial, sobre teses das relações raciais no Brasil está presente a ideologia dos senhores da época da escravatura e a ideologia dos senhores de sua época. Como afirma Cardoso (2003)^v, a história que Gilberto Freyre conta era a história que a elite que lia e escrevia sobre o Brasil queria ouvir.

A influência de Freyre em José Lins é perceptível em *Fogo Morto*, como o lamento da perda dessa ‘civilização canavieira’, a descrição da vida nos engenhos e a descrição da vida e das relações estabelecidas com os negros nos engenhos. Mas a partir de fatos cotidianos muitas vezes é denunciada situações de um mundo alicerçado na violência e desprezo dos senhores para com os subalternos, relações nada harmoniosas entre os senhores e seus escravos assim como a vida de heranças escravocratas dos próprios negros.

A história do livro *Fogo Morto* se passa no final do século XIX, nos engenhos decadentes do município de Pilar, na Paraíba. No livro é contada a trajetória do Engenho Santa Fé, no seu nascimento, auge e decadência. O ambiente de decadência e tragédia, povoa o livro:

As personagens são indivíduos colocados numa linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto.^{vi}

Esta obra dividida em três partes, cada uma com um personagem em destaque e, através das relações estabelecidas entre eles, as histórias acabam se entrelaçando. Na

primeira parte do livro tem-se como destaque Mestre José Amaro, na segunda Capitão Lula de Holanda e na terceira e última parte Capitão Vitorino.

Ao mesmo tempo em que os engenhos açucareiros estão decadentes o trabalho escravo também se encontra nessa situação, pois o tráfico negreiro havia sido oficialmente abolido em 1950. O negro é trazido ou pela voz dos personagens ou pelo narrador branco, o negro é visto pelos olhos destes, não pelo seu próprio olhar, quando ele se manifesta é mostrando seu papel servil, nada a respeito de problemas sociais ou raciais.

Ao longo da história contada no romance, ocorre a libertação da escravatura e o preconceito e as idéias racistas é presença constante no romance. Os personagens brancos pobres fazem o tempo todo questão de afirmar a sua condição de homens livres, maltratando e menosprezando os negros. E os senhores afirmam, o tempo todo, sua superioridade, seu poder de mando em relação a suas peças, ou seja, escravos. Para todos esses é uma questão de honra diferenciar-se dos negros, não aceitando “desfeitas” destes, pois isso representaria uma humilhação sem fim.

Nesse ambiente hostil, mostrados como figuras subalternas os personagens negros quando aparecem são tratados como meros objetos, ou como animais, com referências a eles como porcos, besta de carga, excelentes peças para o trabalho, levando numa vida de subserviência e esforços desumanos: “negro era só para trabalho, pois ele que não era negro vivia fazendo a sua ‘obrigação’ dia e noite”. Ou ainda, conforme acrescenta o narrador: “Negro do Santa Fé era de verdade besta de carga”.

Mas nesse meio, alguns conseguem ganhar destaque. No livro três são os personagens negros se sobressaem: o escravo Domingos, e os ex- escravos Floripes e José Passarinho. Personagens notáveis por representarem de forma estereotipadas, o rebelde, o interesseiro e o fiel, respectivamente, nos fornecem instrumentos de análise sobre as relações estabelecidas entre senhores e escravos, negros e brancos nesse período histórico, permitindo-nos questionar a interpretação freyreana sobre essas relações.

Domingos no até então próspero engenho Santa Fé, em que nenhum negro tinha ido para o tronco em que todos viviam felizes, é a personificação da resistência, da rebeldia

escrava, desafiando o poder do senhor de Engenho, capitão Tomás. Com a sua recusa à obediência passiva, acaba levando Tomás a uma crise profunda. Floripes representa o sujeito cooptado que assume a lógica do dominador, no caso, a do coronel Lula de Holanda, na fase de decadência do Santa Fé, e leva vantagem nessa situação. Entretanto, é descrito com características femininas, acusado de fazer intrigas, inventar fofocas e fazer feitiçaria para conquistar a confiança de Lula.

José Passarinho, como o próprio nome denuncia, vivia cantando, bêbado, esfarrapado e jogado pelos cantos. Ele representa o negro desamparado pelo fim do patriarcalismo até o momento em que se torna companheiro fiel de mestre José Amaro, quando da sua decadência.

ⁱ CÂNDIDO, Antonio & CASTELO, José Aderaldo, *Presença da Literatura Brasileira*, 3 volumes, p. 251, Editora Difusora Européia do Livro, São Paulo, 1968

ⁱⁱ BOSI, Alfredo, *Historia Concisa da Literatura Brasileira*, p.,

ⁱⁱⁱ FREYRE, Gilberto, *Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, p. 51, Editora Global, São Paulo, 2003.

^{iv} IANNI, Otávio, *Escravidão e Racismo*. Editora Hucitec, São Paulo, 1988.

^v CARDOSO, Fernando Henrique, *Um Livro Perene* in: *Casa Grande e Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal*, Editora Global, São Paulo, 2003.

^{vi} CÂNDIDO, Antonio, *Brigada Ligeira: e outros escritos*, p.61, Editora UNESP, São Paulo, 1992.